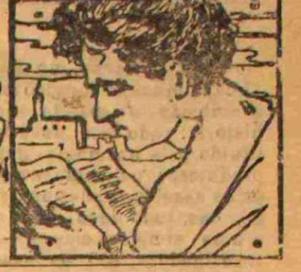




# A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua Formosa 242-2.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—*Antonio Alves Pereira*

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)  
Um mez . . . . . 405 (50 reis)  
Semestre . . . . . 830 (300 reis)  
Um ano . . . . . 1490 (500 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.  
Numero avulso 301 (10 reis)

Comp. e Imp. na *Tipografia Peninsular*  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—*Mactel Barbosa*

## Os soldados á força

Um dos argumentos que Grave emprega com maior frequência, na série de considerações que vimos examinando, é que os revolucionários, não tendo podido provocar a insurreição contra a guerra, foram violentamente contrangidos a incorporar-se nas fileiras, não havendo para a grande maioria possibilidade de deserção.

Mas verdadeiramente, repetimos, esse caso está fora de discussão. Marchar sob a ameaça de fuzillamento não é aceitar a guerra, nem atribuir-lhe fins uteis, nem tomar o exército como útil instrumento.

Em tempos normais, os anarquistas discutiram amplitude o problema da deserção ou da obediência forçada á servidão militar, predominando a ideia de se deixar isso ao critério de cada individuo; cada um procederia, em cada caso particular, segundo as circunstâncias especiais do momento e do lugar, segundo o sentimento das suas próprias forças, apdições e responsabilidades.

Mas entendia-se que, deixando-se aistar, o anarquista o fazia coagido, não reconhecendo o Estado, nem a utilidade do exército como tal, nem a legitimidade da sua função normal—guerra e repressão, antes prometendo a si mesmo trabalhar para a sua desagregação e para levar os soldados a recusarem desempenhar nas greves e nas guerras, a sua missão estatal, ou a servirem-se das suas armas contra os opressores e exploradores que á força lhes meteram nas mãos para os seus fins de dominio e de exploração.

É certo que há uma grande diferença entre os dois casos: em tempo de paz, o soldado á força pode levar a intenção de impedir precisamente que o exército satisfaça os seus fins; em tempo de guerra, são justamente esses fins que vão ser praticados.

Entretanto, há sempre a coacção violenta, e nesse caso os actos individuais estão fora de discussão. Os heróismos podem ser um grande bem, mas não há o direito de os exigir a quem quer que seja.

Demais, obedecendo embora á imposição odiosa, o revolucionário que tal se mantém ira animado da esperança de promover a revolta, de fomentar e aproveitar o descontentamento, de contribuir enfim para aquele movimento libertador, que podia ter impedido a guerra, mas que mais vale vir tarde do que nunca.

Mais feliz do que nós, um camarada do *Germinál*, pôde ler num artigo de Grave, publicado na *Bataille* de 5 de Abril e chegado ás nossas mãos todo cortado de claros pela Censura, a seguinte frase: «O que é preciso fazer compreender ao povo... é que ele deve aproveitar-se de estar com as armas na mão para se fazer ouvir por sua vez».

Perfeitamente de acôrdo. Nunca dissemos o contrário e nunca supusemos que Grave pensasse outra coisa.

Unicamente, como dissemos em 21 de Março, artigo «Maneiras de proceder» —para que essa força material possa ser empregada em favor dos nossos fins, é preciso que o soldado o seja, e precisa que combata a utilidade da guerra, do militarismo e do Estado. É preciso que ele não es-

teja lá dentro como os socialistas democráticos dentro dos parlamentos e corporações administrativas, organismos de autoridade, para os applicarem tais quais, na sua função normal; é preciso que ele seja a vítima, o corpo estranho, o elemento dissolvente. Foi o que, em resposta á sua teoria democrática sobre a «conquista do exército», disseram a Hervé todos os anarquistas, inclusivamente nós (*Aurora* de 3 de Novembro de 1912) e Jean Grave (*Temps Nouveaux*, 7 de Junho de 1914).

A acitação da guerra sob a acção do terrorismo governamental, com um ranger de dentes ante a imposição infame, não deve entrar na discussão relativa á presente guerra. Quem emprega semelhante argumento exclui logicamente a ideia duma cooperação voluntária na defesa do solo ou da democracia, nega implicitamente a legitimidade ou utilidade da guerra. Caminhar para o matadouro á força, sob o látego do amo, é o contrário de dar á chacina internacional uma justificação qualquer, não é de modo algum proclamar que ela é de alguma maneira uma luta entre a liberdade e o imperialismo.

### Permanecemos Revolucionários

Começemos por uma declaração bem categórica: Nós não somos neutralistas, nem pacifistas, mantemo-nos revolucionários.

Igualmente inimigos declarados do tsar e de Guilherme, dos aventureiros que governam em França e na Turquia, dos regimes clericais da Bélgica e da Austria, assim como do imperialismo inglês e do assassino da Sérvia, não queremos confundir uma mudança de opressão com uma verdadeira libertação. É evidente que para nós, os anarquistas, a palavra «neutralidade» não tem sentido em face de qualquer Estado, pois que buscamos destruí-lo. A uma hegemonia estatal não queremos substituir outra, mas combatemo-las todas: eis a verdade. O facto de sermos poucos e não podermos ainda começar nos varios países movimentos insurreccionais não é a razão sufficiente para nos fazer mudar de opinião. No tempo da omnipotência da Santa Inquisição, não era menor mérito para um livre pensador conservar-se tal, embora na realidade nada pudessemos contra a cegueira das massas. É este, desgraçadamente, o momento da omnipotência estatal, mas os seus resultados poderiam ser de modo a produzir desilusões terríveis; e então, se não ivermos descurado a nossa propaganda e preparação para nos deixarmos transviar e desviar de todas as formas pelos nossos inimigos, poderá soar a nossa hora.

Não somos tampouco pacifistas. Uma paz concluída entre Estados e não entre povos só pode consagrar as piores violências, rapinas e iniquidades, e ser causa de outras guerras á mais ou menos curto prazo. Habitados a não pedir intervenção governamental alguma, a não preconizar senão a acção directa popular, não apelamos para os governos neutros nem para os governos em guerra a fim que conciliam a paz. Esta, para nós, só tem valor se resulta dum movimento insurreccional antiestatal. Não concebemos, como os socialis-

tas, uma acção feita com o concurso das autoridades; para nós, ela tem que ser necessariamente conduzida contra as autoridades.

Isto, em resposta áqueles criticos fáceis que repetem: «Mas vós também sois intervencionistas, faltais também á fidelidade aos principios, pois que invocais uma intervenção estatal em favor da paz!»

Ora, nós que consideramos todos os governos inimigos nossos, nenhuma confiança temos na acção deles. Em qualquer sentido que ela se desenvolva, sabemos que nos será contrária. Para nós a organização estatal não é uma coisa a modificar apenas, mas a destruir de alto a baixo, e por isso nunca nos lembraremos de lhe pedir seja o que for.

Nem neutralistas, nem pacifistas, portanto, mas revolucionários que tais se mantem, mesmo se a prática revolucionária embate, como aliás previramos, em dificuldades mais graves do que nunca, dada precisamente a guerra.

A guerra, a neutralidade ou a paz dos governos são três coisas igualmente odiosas.

A guerra, por jamais ser feita para um fim de liberdade, mas de dominio e exploração. A neutralidade, porque, ou é mentirosa, tendendo apenas a dar tempo de preparar a guerra e ver de que lado estão as maiores vantagens e as maiores forças; ou é sincera, e tem unicamente em vista gozar os frutos do mal de todos. A paz, porque é sempre concluída, não conformemente á justiça, mas totalmente em prejuizo dos povos cujos governos ficaram derrotados. Ai dos vencidos!

Nenhuma das três tem sentido ou valor para nós, por estar fora dos meios a que podemos recorrer, para não trabalhar contrariamente aos nossos fins. Devemos tomar parte numa revolução, ainda que não seja o nosso fim alvejado por uma parte de revolucionários, pois ela representa sempre um golpe dado no entrosamento estatal, uma renovação da tradição insurreccional, um enfraquecimento do principio de autoridade. Mas a guerra, pelo contrário, obtém sempre efeitos diametralmente opostos. Faz-nos aceitar a tirania dos senhores, mais do que nunca agravada; suprime a nossa acção de indisciplinados, de rebeldes; reforça o prestigio do poder politico.

Em que pese a todos os nossos criticos, não somos portanto nem pacifistas nem neutralistas ou intervencionistas, mas permanecemos agora e sempre revolucionários.

Luís BERTONI.

### SINDICALISTA REVOLUCIONARIO?!

Fazendo o relato da manifestação de domingo passado ao actual governo, a *Republica* anuncia com um visioso subtítulo a seguinte sensacional passagem:

A certa altura um operário ainda novo avança para o chefe do governo, dizendo-lhe:

—Um sindicalista revolucionário aperta a mão do general Pimenta de Castro!

A manifestação atingiu o seu auge, tocou as raízes do delirio.

Está bem o ódio ao afonsismo e á formiga branca, mas quando não faz perder a cabeça e a justa noção das coisas...

Mas, afinal, aquilo não tem importância; os sindicalistas revolucionarios apresentam as armas de S. Francisco a esse curioso sindicalismo... governamental.

## O que é preciso fazer-se

Estalada a revolução na Europa, justificados impavidamente todos aquêles que conduziram a humanidade para a sangrenta guerra que se desfez, qual deve depois ser a atitude do povo em revolta? Certamente que não deve aglomerar-se junto dos ministros, a aplaudir com frenesi novos ídolos e a reclamar a convocação imediata dos colégios eleitorais para umas novas Constituintes e, por consequência, para chocar novos tiranetes, embora se apresentem fardados de uma nova facção democrática.

Os erros dos nossos antepassados em delegar a sua autoridade na mão do primeiro poltrão que apparecia a intrujar-los, têm de ser afastados. As lições da experiencia têm de ser bem interpretadas, e toda a cautela é pouca para nos resguardarmos dos miasmas da podridão capitalista.

O primeiro cuidado dos revolucionários deve inclinar-se para os que precisam de pão. Sabido como está que por toda a parte ha colossais armazens abarrotados de géneros de primeira necessidade, embora se esforcem por nos fazer crer que ha escassaz, esses depósitos devem ser abertos ao publico e distribuidos todos os géneros monopolizados, da mesma maneira que se distribuia, durante a revolução, toda a espécie de armamento que ia aparecendo.

A seguir, uma visita soléne aos depósitos de calçado e aos armazens de fazendas. Depois de alimentados os que precisam, a revolução tem de calçar os descalços e vestir os nus, e veremos depois em que fica a superprodução annunciada pelos nossos falsos economistas.

Os palácios, as igrejas, as casas parlamentares, as antigas repartições do Estado abolido, na mão da revolução, devem ser apropriados para habitações dos que, até á data do movimento revolucionário, não tinham onde abrigar-se das geadas nem onde repousar o seu corpo combatido; e uma vez instalada toda a população, o restante deve ser destinado ao que se julgar conveniente, talvez a novas oficinas, talvez a novas fábricas, talvez a hospitais para cuidar dos maltratados do regime extinto.

Queimados os códigos, rasgados os registros, dissolvidas as instituições prejudiciais á liberdade dos povos, terminada a sociedade do rico e do pobre, de luxo e da miséria, da caridade e do mendigo, para desaparecer a esmola-roubo e surgir o trabalho livre, aos produtores competente regular a produção. Feitem-se os grupos de varios officios, de diversas localidades, de diferentes regiões e nacionalidades. Indaguem-se quais são as necessidades a satisfazer. São necessarias 2, 3, 4 ou 5 horas de trabalho? Bem, trabalhe-se 2, 3, 4 ou 5 horas em coisas indispensaveis. Fabriquem-se ferramentas de trabalho, teça-se o linho e o algodão, façam-se botas e sapatos, chapéus e roupas.

Estabelecidas as relações com os camponeses, exêrça-se a livre troca. O que precisam elles? utensilios e vestuários. Mandem-se os utensilios e vestuários depois de ficarmos com o necessário. Que precisam os da cidade? Os géneros que se cultivam no campo com o esforço e intelligencia do lavrador e que constituem a alimentação quotidiana.

Enviem-se os produtos saídos da terra-mãe.

Terminado o regimen do privi-

légio, dos monopólios, da opressão, do roubo, tudo deve ser de todos. A sciência tem de ser aproveitada em beneficio da colectividade. O vapor e a electricidade devem substituir o esforço humano e o animal. Após a revolução, não se deve consentir que continue como até aqui, o gado bovino ou mular a puxar os carros, apesar de toda a civilização e de tantas invenções. Não se deve permitir que continue o esgarro do trabalho manual quando existe o vapor; que persista a navegação a remos e á vela, quando temos a electricidade. Não se compreende que havendo meios de transporte accionados pelo vapor e electricidade, o trabalhador tenha de percorrer immensas distancias a pé para se dirigir ás suas occupações, quando é certo que é a que contribue com o seu esforço intelectual, material e fisico, para a construção de linhas férreas, de carruagens, para a fundição de ferro, para a extração do carvão que alimenta o maquinismo.

O fruto do progresso nas mãos do trabalhador faz com que este centuple a produção. Os milhares e milhares de quilómetros quadrados que se sulcam pelo arranco animal, deve fender-se pelas máquinas modernas. O maquinismo deve ser colocado ao serviço da humanidade inteira e não aos interesses de meia dúzia de exploradores. Os modernos instrumentos de trabalho e produção devem ser manejados pelos trabalhadores e não monopolizados nos armazens pelos ricos comerciantes.

As fábricas, as oficinas, os caminhos de ferro, as minas e a navegação devem ser libertadas do despotismo patronal e do encarrgado. Nas fábricas e nas oficinas e artífice deve trabalhar só o suficiente para a comunidade; os caminhos de ferro, livres e aumentados, devem funcionar regularmente. As minas devem ser melhor tratadas e mais resguardadas do perigo, porque então não ha companhias exploradoras, que não se preocupam com a vida dos seus operários.

A navegação, dirigida inteligentemente pelos marujos, devem transportar, em troca, de regiões distantes, o que lá ha de mais pelo que lhe falta e que abunda em outras partes, e não conduzir, como agora, o que faz falta a uma população inteira, mas que traz lucros fabulosos para determinada seita.

Ah! então sim; então vale a pena viver, vale a pena o sacrificio do povo.

Ha bairros imundos a demolir; ha avenidas a rasgar; ha escolas —repletas do necessário material de ensino inerente a cada sciencia, —a construir, cheias de luz e de ar; ha estradas a abrir; ha comunicações directas a desenvolver; ha doenças a combater, legado triste deixado por uma sociedade de deboche e de crápula, de fome e de fartura, de lupanar e de esbanjamentos, de preguiça e de patifarias.

Todos devem ser professores e discipulos. Depois das horas de produção, o produtor deve dedicar-se ao estudo que melhor lhe agradar: uns á medicina, outros á arte, outros á música, outros á literatura. O que muitas vezes nos leva ao vicio é não poder frequentar uma escola, é encontrarmos os movimentos tolhidos.

Então, sim; então devem terminar as guerras, e a paz será refulgente e duradora.

Os parlamentos, os ministé-

rios, as câmaras municipalistas, as capelinhas, as direcções do fisco, a ambição do mando serão uma história; tudo isso deve ser substituído pela harmonia dos grupos produtores, pelos museus de arte, pelas escolas profissionais e pedagógicas; tudo deve ficar reduzido a uma simples classe: a classe trabalhadora, sob os seus múltiplos officios.

Clemente Vieira dos Santos

## Notas Rubras

### Uma apostasia

Com o título—*Os humildes*, um diário de Lisboa inseriu ha dias uma carta, acompanhada de algumas considerações, dum «dirigente do movimento operario algarvio», em que este individuo (um tal Pena Peralta) aderiu «incondicionalmente» á causa que esse jornal defende—a monarchia.

Li a missiva de Peralta, visto que me interessava sobremaneira conhecer as razões e os argumentos que esse «dirigente do movimento operario» dava á publico para justificar o seu gesto.

Da leitura da adesão desse ex «pedreiro livre», ao partido do «Rei Operario», ficou-me, sinceramente o digo, uma dolorosa impressão, mixto de revolta e de nojo, pelo fenomeno psicologico que esse documento revela.

Esse «antigo lutador em prol das classes trabalhadoras» pretende justificar a sua apostasia com estas coisas principais cheias de incoherencia—que a republica actual não é a que ele idealizou e que foi perseguido por afastar da politica republicana o elemento operario.

Entendamo-nos. Se a republica vigente não é aquela porque muitos se sacrificaram, devemos recuar para a monarchia ou forçar o regime a tornar-se progressivo!

E, tambem, se temos procurado afastar o proletariado da politica vermelha, cumpre-nos integrarlo no seu verdadeiro campo de combate, a luta de classes, ou envolvê-lo noutra politica ainda mais retrógrada?

Não! as justificações que Peralta nos veio mostrar para dar base á sua apostasia são absolutamente falhas de logica.

E tanto assim é, que eu estou convencidissimo de que a classe trabalhadora de Lagos ha-de voltar as costas a esse renegado, e que a sua tenção de levar consigo uma grande jorça para o partido monarchico ficará gotada.

O operariado sabe perfeitamente o que valem o Estado e a Igreja para a sua emancipação. Por conseguinte, confio, descansado, que o ex-maçom e demagogico Peralta não arrastará, como um passivo rebanho, o povo operario do Algarve, pois que se a republica, como estado burgues que é, tem sido madrastra para o proletariado, a monarchia, alem de representar o retrocesso, não foi nem será mais sua amiga.

C. RODRIGUES

### Aos operarios transmontanos

Estando em grêve os operarios pedreiros, carpinteiros e caiadores de Verin, a *Sociedade de Officios e Profissões varias*, da mesma localidade, transmittiu á *União Operaria Transmontana*, para que esta impeça que operarios transmontanos, em especialidade de Chaves, os vão trair.

Por isso lembramos aos operarios da construção civil, não só de Chaves, como aos da provincia de Traz-os-Montes, que se não deixem aliciar por individuos que os andam iludindo para irem trabalhar para Verin, traindo os nossos camaradas espanhois.

A todos, pois, lembramos o sagrado dever de solidariedade.

Chaves, 11-4-1915

A direcção da União Transmontana

## A classe operaria Alemã e a guerra

Por um acto louco e criminoso, foram os povos lançados no bátraco da guerra e invadiram-se países. Tudo quanto no decorrer de dezenas de anos foi criado em cultura e bem estar, a custo de fadigas e sofrimentos, é em poucas horas destruído; tudo o que em comum foi ideado e construído é disperso por um cego ódio nacional.

Os patrioteiros anunciam com júbilo em todos os países que a Internacional cessou de existir, que se extinguiu a fé numa união de todos os povos e que só sobrevive, como sentimento único, a consciencia nacional e patriótica.

Especialmente os governos e as classes possuidoras mostram grande empenho em convencer os trabalhadores de cada país de que se enganam acreditando nos que falam de interesses operários, movimentos de classe, etc. Os governos e burguesias estribam-se no procedimento dos trabalhadores das outras nações agora em conflito para mais inculcar nos seus súbditos operários o patriotismo e o ódio contra os camaradas de luta das outras nações.

Que façam o mesmo os chamados chefes populares, não nos admira; tem que de ender assim a sua conduta «patriótica» em face da guerra. O que importa é sufocar no coração dos operários todo o sentimento de solidariedade internacional, para evitar qualquer perigo que para a actual organização social o movimento operario possa ainda representar.

Nestes tempos em que o patriotismo e os ódios nacionais puderam invadir boa parte do campo operario, a missão de todos os que honestamente lutam pela libertação dos trabalhadores é combaterem vigorosamente os desvios de sentimento e a cegueira que a guerra produziu.

Cumpre-lhes além disso mostrarem que tudo isso de nenhum modo foi querido pelos trabalhadores das nações em guerra, que foram arrastados, contra os seus sentimentos internacionalistas e apesar do horror sentido.

Eu, como alemão, só posso descrever o que vi nos ambientes operários tudascos; mas estou certo de que o mesmo ódio pela guerra se há-de encontrar entre os trabalhadores franceses, russos, ingleses, belgas, etc.

Quiseram os alemães a guerra?

Pretende-se que esta guerra da Alemanha e Austria contra a Rússia, França e Inglaterra é uma guerra de povos, como que uma necessidade radicada no sentimento do povo, para a qual cada um dá de boa mente bens e vida. Nada mais falso! Como prova, basta recordar as grandiosas manifestações contra a guerra poucos dias antes de estalar esta, celebradas em quase todas as cidades alemãs.

E certo que os organizadores desses comícios os social-democratas, não eram rigidamente contrários á guerra: eram no de modo oportunista e maleável. Mas também é verdade que o povo trabalhador assistiu em massa aos comícios com o sincero intuito de impedir a guerra e por ela manifestar toda a sua aversão. Tanto assim que alguns discursos produziram desagradado entre os operários porque neles, em vez de se impedir o povo contra a guerra se estimulava a opinião pública em seu favor.

Já há anos que o partido social-democrático alemão trabalhava neste sentido, tendo dito por várias vezes que, em caso de guerra, os socialistas não poderiam deixar a sua pátria por defender. Repeliam indignados a acusação de não terem pátria. Mas como distinguir das outras uma guerra de defesa? como distinguir do nacionalismo burguês o patriotismo socialista? O facto é que se tornou um dogma oficial para o partido social-democrático que, se a Rússia atacasse, era um dever defender a pátria, etc.

Assim, o patriotismo quase desaparecido foi resuscitado precisamente por essa concepção que se dizia socialista; acrescentai a isso a influencia do ensino patriótico nas escolas e do ensino fra-

tricida nas casernas, e não é para admirar que a presente guerra tenha sido considerada uma guerra de povos mesmo por uma grande parte do povo alemão.

Nos operários está, porém, radicado o espirito internacionalista, a chama da confraternização humana. Enquanto, com efeito, os sábios e os intellectuais destroem todo o trabalho por eles feito em favor da paz; enquanto os chefes dos operários e os seus representantes no parlamento unem a sua voz ao coro do ódio nacional; enquanto a imprensa proletária se faz imprensa de governo, os operários, com o coração agitado, mordem os punhos de raiva, indignados á idea das vítimas que terão de fazer para inteiro proveito dos ricos, e também com uma dolorosa desconfiança pela conduta da social-democracia e do partido em que acreditavam.

Como se pôde julgar até ao fim que o partido socialista havia de empregar todos os meios para conservar a paz, quando ele fez o mesmo que o governo, e a própria direcção do partido proclamou que o primeiro dever dos socialistas era serem alemães!?

Trágicas horas passou a classe trabalhadora, quando teve a certeza terrível de que era inevitável a guerra, de que a social-democracia nada faria para a evitar, mas pelo contrario a apoiaria! Conternados, os trabalhadores giravam pelas ruas e recolhiam desesperados para se despedir dos seus e mergulhar no abismo, inevitável mas não desejado, com um ódio surdo no coração.

Havia certamente milhares, dezenas de milhares de vozes patrióticas ululando nas ruas. Mas não há centenas de milhares de burgueses que da guerra podem tirar proveito? Há dois milhões de voluntários; mas que significa isso? Nem a quarta parte são operários, ao passo que a grande maioria do povo alemão pertence á classe pobre. Ainda hoje a opinião entre os trabalhadores é desconfiança e rebelde, embora o governo, os municípios e os particulares procurem aliviar-lhes as necessidades.

Pense-se nos cinquenta anos de educação social-democrática, embaraçando no povo alemão o espirito de iniciativa. De cima vinham todas as ordens. E de cima, da direcção do partido, partiu o mote *pela guerra*. Pense-se no trabalho das uniões de officio, cujos sócios pagantes, disciplinados como números em fila, estavam habituados a esperar ordens do *Partei Vorstand*; e daí veio a ordem: *pela guerra*. Pense-se na desfibrante influencia da tática eleitoral e parlamentar, conduzida sem fim útil algum; no desprezo lançado sobre a greve geral e os outros actos e meios revolucionários, etc. E compreender-se háo tanto a desconfiança e incerteza causadas pela attitude da social-democracia favorável á guerra, como o motivo por que este aviltamento e este desespero não conseguiram provocar actos revolucionários.

Sacrificaram-se tantas vítimas no tempo das leis excepcionais e mais tarde para levantar cada vez mais a social-democracia, que deste partido tudo se esperava. Em vão. E era lógico que á tam exagerada confiança succedesse o desânimo e o desespero. Despedaçaram-se as esperanças e fins da vida de milhares e milhares de proletários. Assim, perderam toda a energia, e descoroçados, deixaram que tudo se consumisse, como deixam hoje succeder tudo. E entretanto, de todos os lados tentam da mesma forma enlouquecê-los, á eles também, com as sugestões patrióticas!

Mas nós, apesar de tudo e mesmo durante a guerra, erguemos alto a nossa bandeira do anarquismo e da fraternização dos povos. Digamos ao operario as monstruosidades da guerra, tratemos, agora e depois dela, de reunir novamente os trabalhadores divididos, para que a infâmia do assassinato colectivo acabe duma vez para sempre.

E vós, ó trabalhadores das outras nações escutai: a parte mais consciente do proletariado alemão

é contrária a qualquer guerra e quer empenhar a sua luta de accordo convosco contra o inimigo comum—o Capitalismo.

PAULO SCHREYER.

O camarada Schreyer, hoje retornado na Suíça, é um operario que redigiu um pequeno jornal anarquista na Alemanha do do Sul. N. da R.

## Velada Social

Por motivos imprevistos, a velada social que o Nucleo Juventude Sindicalista promovia para o dia 25 do corrente, na sede do grupo B. T. da B. E., realisa-se no domingo 2 de maio proximo, na sede da *Tuna musical Liberdade do Porto* sita á rua do Bom Jardim n.º 1146.

O programa deste excelente espectáculo constará, como já annunciámos, da peça do Teatro Livre—*O Triunfo*, e da hilarante comédia em 2 actos—*Os espectros*, alem de varios recitativos por distintos amadores.

Esta velada será abelhantada pela Tuna da Juventude Sindicalista.

Os novos bilhetes convites encontram-se na redacção deste jornal.

## O CONGRESSO DO FERROL

Grande entusiasmo se vai notando em vários países pela realização deste utilissimo congresso internacional pela paz. O Ateneu Sindicalista do Ferrol tem recebido inúmeras adesões, não só de Barcelona, Madrid, Valfadolid, Santander, Valencia, Corunha, etc, como de Itália, Inglaterra, Holanda e França, cuja federação Geral do Trabalho, segundo comunicação do nosso camarada Sebastião Faure, tambem se fará representar.

Neste momento solenissimo para a História do proletariado, torna-se indispensavel que a organização operaria portuguesa, juntando os seus esforços aos esforços dos seus camaradas dos outros países, contribua, tanto quanto possível, para enviar a esse congresso o maior numero de representantes.

O seu fim é altamente simpático e humanitário. Não se torna, portanto, necessário encarecer o altissimo valor dele. Que cada operario consciente faça o que puder em seu beneficio, na certeza de que presta um optimo serviço á causa da humanidade laboriosa.

A *Aurora*, e os Grupos «Propaganda Libertaria» e «Aurora Social», acedendo ao convite, far-se-hão representar por delegados directos.

Quaisquer comunicações referentes ao congresso devem ser enviadas a Lópes Bouse, Canalejas, 166—Ferrol—Corunha—Espanha.

## CONVITE

O «Grupo de Propaganda Libertaria» convida todos os anarquistas, estejam ou não agrupados, a comparecer hoje pelas 15 horas, na redacção da «Aurora», rua Formosa 242—2.º, afim de se acordar na forma mais viavel de se fazerem representar no congresso internacional contra a guerra, que se realiza em Ferrol, Espanha, nos dias 30 de abril e 1 e 2 de maio proximos.

O egoismo leva os homens a cometerem iniquidades e espoliações; preciso é, pois, combatê-lo, evitando que ele medre á sua vontade.

Enlle de Lavaleys.

## Notas de perto

I

Meu caro C.

Desculpa-me se, depois de tanta e tam louvavel insistência, não satisfaço o teu desejo. Que teria eu de novo para dizer-te sobre a guerra que tu não soubesses já? Discutir se é mais digna ou mais coerente a attitude tomada por Kraptokine ou por Malatesta, quando são já tantos os embrenhados nessa lastimavel contenda?

E' provavel que tu, como eu ainda não ha muito, estejas hesitante sobre o que deveriamos pensar e dizer quanto á maior hecatombe, á mais canibalesca chacina que tem inundado de sangue os fertes campos da Europa. Mas, repara bem; como não tenho lógica para converter nem retórica para arrebatá-lo, pouco seria o que de lavra própria te poderia dizer. Além disso, tem-se dito tais coisas das guerras, passadas e presentes, de modo que o padre A. Vieira lhe chamou «aquêl monstru» e são tam poucos os convencidos dos seus horrores, que as banalidades que eu escrevesse, estou certo, pouco te aproveitariam. Assim, pensei em coligir e reproduzir-te como um fiel copião o que, principalmente dos seus causadores, insuspeitas gentes tem dito. Dar-te-has por satisfeito!

As causas da guerra! Não te rias, nem te enojas se te disser que lhe atribuem tantas como as cabeças que dão sentenças. O livro francês sobre a guerra atribui-a aos pesados impostos na Alemanha; o conde Reventlow, a novos mercados; Lloyd George, viu-as na Bélgica; Harmsworth, no Kaiser; o inglês *Labour Party*, na liberdade e na honra; o coronel Agnew deita as culpas a Deus; muitos outros ao Diabo; e até o padre Graham, vê lá tu, diz que é devida ao insulto que o Papa sofreu em 1870!...

Servam estas poucas linhas para te demonstrar que não olvidei o que desejava de mim. No próximo n.º d' *Aurora* apresentarte hei o que coligi e copiei sobre a guerra, suas causas e os que dela vivem. E desculpa o resumo que hoje sou.

(Lisboa, 6-4-1915)

H. QUESÁRIO

## O conceito patrio

Ainda ha poucos dias os jornais diários relataram — desprezando ostensivamente os seus heróicos feitos de armas — a vinda dum clarim de dragões las inóspitas regiões africanas, para onde fora em cata de louros e donde regressara mutilado e inválido para o labor prestante, para a prática do trabalho honroso. Agora depara-se-me uma carta — inserta num periódico burguês — que um sargento, que partira voluntariamente para a Africa, endereçara a sua mãe, noticiando-lhe a sua próxima chegada á terra natal, por se encontrar impotente — devido aos ferimentos recebidos — para proseguir lutando em cumprimento dos seus *devoirs civicos*, como bom patriota e bom soldado que é.

Esta carta, que deixa transparecer um acendrado amor patrio, leva-me a redigir estas modestas e desataviadas considerações dirigidas, em especial, á juventude.

Atendei e reflecti, pois, jovens, que, conquanto seja notória a pouquidade da minha argumentação, é manifesta a grandiosidade do meu objectivo: fazer-vos compreender quanto ha de errôneo nesse conceito patrio, tam arreigado em vós, como arraigados estão tantos outros convencionalismos ridículos e mentirosos pre-conceitos de que a sociedade está eivada.

Parecerá talvez, audacioso tocar no conceito patriótico, actualmente infiltrado e radicado no espirito do povo. Pasmareis, pois, ouvindo-me renega-lo e mostrar-vos que não tendes uma concepção